

## A ATIVIDADE DE EXTENSÃO A DISTÂNCIA “ESTUDOS EM TRADUÇÃO LITERÁRIA”: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS PROPOSTAS A PROFESSORES DA REDE PÚBLICA E ESTUDANTES<sup>1</sup>

Maria Claudia Bontempi Pizzi<sup>2</sup>

**Grupo 5.1.** *Educação a distância e sociedade: Democratização, universalização e interiorização da formação e do conhecimento*

### RESUMO:

*O curso virtual gratuito "Estudos em Tradução Literária" destinou-se a professores de inglês ou português da rede pública e a estudantes de Letras. O principal objetivo da atividade foi propiciar aos professores em exercício e em formação a oportunidade de discutir a tradução literária como forma de promover a reflexão sobre as línguas materna e estrangeira, contribuindo para o processo formativo dos alunos, além de motivar o trabalho criativo e o debate cultural. Os cursistas tiveram espaço para compartilhar experiências e discutir aplicações do tópico em aulas. Foram fornecidas informações teóricas fundamentais sobre tradução/transcrição e sobre literatura para o trabalho consciente como tradutor e professor de línguas. Os resultados foram considerados positivos pela professora e pelos participantes, que demonstraram interesse por outras atividades similares a distância, visto que a flexibilidade de tal modalidade de ensino facilita a conciliação entre trabalho e estudos.*

**Palavras-chave:** *Ensino/aprendizagem de línguas; Tradução literária; Formação de Professores; Educação a distância.*

### ABSTRACT:

#### THE CONTINUING EDUCATION ACTIVITY "LITERARY TRANSLATION STUDIES" VIA DISTANCE LEARNING: PUBLIC SCHOOL TEACHERS AND UNDERGRADUATE STUDENTS' REFLECTIONS ON LANGUAGE TEACHING AND LEARNING

*The free virtual course "Literary Translation Studies" was offered to English or Portuguese teachers from public schools and to Languages and Literature undergraduates. The main objective of the activity was providing to in-service and future teachers the opportunity to discuss literary translation as a way of promoting reflection on the native and foreign languages, contributing to the educational process of their students, as well as encouraging creative work and cultural debate. The participants had space to share experiences and discuss uses for the topic in classes. Information on fundamental translation/transcreation theory and on literature was provided to work consciously as translator and language teacher. The results were considered positive by the teacher and the participants, who showed interest in other similar virtual activities, since the flexibility of this type of course makes it easier to balance work and studies.*

**Keywords:** *Language teaching and learning; Literary translation; Teacher training; Distance education.*

<sup>1</sup> Agência de Financiamento: CAPES

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – mclaudiapizzi@ufscar.br

## 1. Introdução

A proposta da atividade de extensão a distância "Estudos em Tradução Literária" partiu da concepção de que o ensino/aprendizagem de línguas está intrinsecamente ligado a questões culturais, e de que tanto o aluno quanto o professor devem refletir sobre essa relação durante um processo intercultural de aprendizagem. Logo, este trabalho buscou investigar e discutir, a partir de estudos sobre tradução, literatura e de noções de interculturalidade, o papel de exercícios de tradução literária com a finalidade de promover a reflexão sobre a língua/cultura estrangeira estudada e, ao mesmo tempo, sobre a própria língua/cultura materna, visto que "traduzir" pode significar "interpretar", e que ao tradutor cabe um papel de segundo autor que, ao colocar-se no lugar do autor do texto original, resgata significados e transporta-os para o outro lado, ligando os dois planos em um exercício de alteridade cultural.

Assim, a tradução pode ser definida como uma conciliação instável entre dois produtos diferentes, às vezes conflitantes, o que torna a intervenção do tradutor decisiva e faz do seu trabalho uma transcrição. A tradução, portanto, não é ponte (estável, concreta), mas o próprio rio (movimento, instabilidade, constante mudança): as margens opostas estão separadas, mas não deixam de se comunicar pela correnteza, pela fluidez da linguagem e da criação literária.

Dessa forma, a tradução de canções e textos literários no ensino/aprendizagem de língua inglesa, por exemplo, poderia oferecer aos alunos a possibilidade de reflexão, durante o ato tradutório, sobre o léxico e as estruturas da língua estrangeira e portuguesa. Para contribuir para tais reflexões, o curso trouxe conceitos iniciais sobre tradução, alguns trechos de textos teóricos fundadores que fomentam a discussão sobre o ato tradutório e o papel do tradutor e exercícios práticos com vários tipos de textos artísticos.

O principal objetivo de tal curso foi propiciar aos professores em exercício e em formação a oportunidade de discutir a tradução literária como forma de promover a reflexão, durante o ato tradutório, sobre o léxico e as estruturas das línguas materna e estrangeira, contribuindo para o aprimoramento do processo formativo dos alunos, introduzindo-os ao trabalho criativo, além de possibilitar o contato com questões culturais dos países de língua estrangeira a partir do estudo das letras de música e da literatura, ricas fontes de informação sobre questões sócio-culturais e históricas.

Outra justificativa para a implementação da atividade no que diz respeito à sua relevância social, foi o espaço que os professores participantes tiveram para compartilhar experiências e discutir as formas como esta questão poderia ser trabalhada em suas salas de aula.

## 2. Fundamentação teórica

*O ouvido afiado que escuta e “escreve” denuncia o parentesco indissolúvel entre a voz e a escritura, entre a audição e a leitura, todas unidas pelo fio da interpretação que impõe ao outro a tarefa essencial do jogo tradutório: a transformação da língua “estrangeira” em língua*

*“materna”, do desconhecido em conhecido, da leitura em escritura, e de qualquer pretensão ao universal numa perspectiva marcada e localizada na tribo em que nasce. (ARROJO, 1993, p.68).*

Segundo Byram, Gribkova e Starkey (2011), os aprendentes, como os tradutores, precisam não somente do conhecimento gramatical de uma língua, mas também da habilidade de saber usar esta língua de maneira social e culturalmente apropriada. Tais autores ainda postulam que a dimensão intercultural no ensino de línguas deve auxiliar o aluno a interagir com falantes de outras línguas de igual para igual (no mesmo patamar), sem relação de superioridade, preocupando-se com a identidade cultural do outro sem deixar de considerar a sua própria.

Sobre a mesma questão, Almeida Filho (2002, p. 213) diz: “(...) o conhecimento da diferença, dos fatos que se explicam na evolução da cultura-alvo, da compreensão e da tolerância que podem ser integradores na equação afetivo-ideológica de muitos aprendizes em vários contextos é o que podemos almejar como realismo profissional”.

Por isso, segundo Hurst (2006, p. 247, tradução nossa), ao invés de limitar-se à transmissão de informações gerais, estereotipadas sobre uma cultura,

(...) autores/editores de livros didáticos deveriam almejar a um retrato preciso, factual, imparcial (ideologicamente) e contextualizado (temporalmente) da realidade social, um retrato preciso da realidade linguística e tomar cuidado com a forma como lidam com os ícones ‘pop’ da cultura alvo.

Além de tais reflexões sobre a língua estrangeira e sua língua materna, o aluno-tradutor precisa entender os mecanismos que possibilitam o ato tradutório, visto que é importante evitar a ideia de que toda tradução deve ser “literal” ou que deve ser “igual” ao texto original: o aluno-tradutor deve refletir acerca dos termos e estruturas escolhidas, refletindo assim sobre ambas as línguas envolvidas no processo. A atividade do tradutor é parecida com a do leitor e a do crítico: cada leitura é uma tradução – “nenhuma leitura é tão atenta e tão cuidadosa quanto aquela que compõe a mais simples das traduções bem realizadas” (Arrojo, 1993, p.52). Para Arrojo (1993), portanto, “traduzir” pode significar, e de fato significa, “interpretar”, e ao tradutor, como ao intérprete, cabe um papel de intermediário, que transporta significados entre os dois planos, pois os estilos são coletivos, universais e passam de uma língua para outra. As obras são únicas, mas não isoladas: cada uma delas nasce e vive uma relação com outras línguas diferentes.

Segundo Paz (1990), aprendemos a traduzir no exato momento em que aprendemos a falar, porque quando uma criança questiona o significado de uma palavra, na verdade está procurando uma tradução do termo desconhecido para a sua linguagem. Traduzimos dentro de nossa própria língua, sem ao menos percebermos.

Paz (1990) ainda escreve que quando um povo se vê diante de um modo diferente de comunicação oral pela primeira vez, sua crença em uma linguagem universal é substituída por uma noção de pluralidade de línguas. O autor coloca que, no passado, a tradução seguia a seguinte reflexão: se não havia uma língua universal, havia uma sociedade formada pelas diversas línguas na qual todos, vencidas algumas barreiras, poderiam se entender, porque mesmo fazendo uso de léxicos diferentes, os homens

sempre diziam as mesmas coisas. “A universalidade do espírito era a resposta para a confusão babélica: há muitas línguas, mas o sentido é uno” (PAZ, 1990, p.10, tradução nossa).

Já na Idade Moderna, com o desenvolvimento das navegações e o descobrimento de “novos mundos”, ainda seguindo o raciocínio de Paz, a humanidade sentiu com mais clareza a enorme variedade de costumes, instituições e culturas causando uma reviravolta no rumo da tradução. A segurança religiosa de uma identidade universal é substituída pela curiosidade intelectual, racional em conhecer mais e mais diferenças. Refletindo estas mudanças, a tradução não é mais uma operação que mostra uma única identidade para o homem, mas suas singularidades. O mundo deixa de ser indivisível: “pluralidade de línguas e sociedades: cada língua é uma visão de mundo” (PAZ, 1990, p.12, tradução nossa). Até dentro de cada língua destacam-se diferenças e divisões, como períodos históricos, classes sociais e gerações. Mas, o que deveria ter desanimado os tradutores, teve um efeito inverso, o que Paz explica na seguinte transcrição:

A razão deste paradoxo é a seguinte: por um lado a tradução suprime as diferenças entre uma língua e outra; por outro, as revela mais plenamente: graças à tradução nos inteiramos de que nossos vizinhos falam e pensam de um modo distinto do nosso. (PAZ, 1990, p. 13, tradução nossa)

O trabalho em questão adota como sustentação teórica a desconstrução derridiana, que se relaciona com as ideias colocadas por Paz e trata-se de uma visão mais radical do ato tradutório que abandona por completo a busca da equivalência, do sentido único. Partindo da afirmação de que a tradução pratica a diferença entre significado e significante, Paulo Ottoni (1997) cita Derrida e conclui que a tradução não poderia ser uma réplica do original, e precisa ser vista como uma transformação. Traduzir, então, é movimentar-se entre uma língua e outra graças à produção e transformação de significados:

A ciência lingüística dificulta a compreensão do ato de traduzir partindo da postura do tradutor como transportador de significados estáveis de um *sistema* – de uma *língua* – para outro, aquele que vai transportar significados entre dois sistemas fechados e diferentes entre si. (...) Para transformar e produzir outros significados numa outra língua, é fundamental partir da multiplicidade do significado. Só assim o tradutor participa de um fenômeno mais amplo que envolve a *linguagem* e não só a *língua*. (OTTONI, 1997, p.133)

No campo de estudos da lexicultura, Barbosa (2008/2009) confirma Arrojo e Ottoni, afirmando que “o léxico não é transparente e nem unívoco, mas opaco e polissêmico” e que as palavras podem carregar “referências culturais” (p.33). Dessa forma, “a língua passa a ser considerada não mais como um instrumento para a comunicação, mas como um depositário da cultura da qual ela é representante” (p. 40).

Almeida Filho (1991) faz um comentário sobre o ensino comunicativo que se relaciona com a questão de *linguagem* presente nas citações acima:

(...) o ensino comunicativo é aquilo que não toma as formas da língua escritas nas gramáticas como modelo suficiente para organizar as experiências de aprender outra língua, mas sim, aquele que toma unidades de ação feitas através da linguagem como organizatórias das amostras autênticas (ou pelo menos verossímeis) de língua-alvo que se vão criar com e oferecer ao aluno-aprendiz. (ALMEIDA FILHO, 1991, p. 4)

É possível traduzir porque é possível aprender uma língua estrangeira. A partir desse ponto, Ottoni (1997) constrói uma reflexão sobre a relação língua materna e língua estrangeira como sendo uma reflexão sobre a própria tradução.

A dicotomia teoria e prática se concretiza e se fortalece, uma vez que a tradução e o ensino de línguas partem de uma lingüística que prevê a relação entre a língua materna e a língua estrangeira, enquanto um confronto – na comparação entre dois sistemas, duas línguas – que retira o individual da linguagem. (OTTONI, 1997, p.131)

Derrida (1998) ressalta que, no que diz respeito à linguagem, a desconstrução significa desconstrução e reconstrução de sentidos, ou seja, um deslocamento. Isso quer dizer que os sentidos não são sempre os mesmos, que há uma flutuação, um efeito de sentido. Esta concepção conduz à necessidade de negar a ideia de significado inscrito, fixo e imutável, porque tanto a leitura quanto a escrita se constroem em um presente circunscrito pelo tempo e espaço e em cada nova escritura, "cada elemento se constitui a partir do rastro dos outros elementos da cadeia ou do sistema" (RODRIGUES, 2000, p.198).

Derrida (1998) também deixa claro que é difícil definir um significado para desconstrução (palavra que, ele mesmo confessa, nunca lhe pareceu satisfatória), exatamente porque tal significado mudaria conforme mudassem os contextos (nenhum elemento encerra em si um significado próprio e único), e isso aconteceria em todas as línguas, inclusive no francês. Portanto, ele pode apenas tentar resgatar o intuito inicial de sua criação:

A palavra "desconstrução", como qualquer outra, não extrai seu valor senão da sua inscrição em uma cadeia de substituições possíveis, naquilo que se chama, tão tranqüilamente, de um "contexto". (...) Efetivamente, teria sido preciso citar frases e encadeamentos de frases que, por sua vez, determinam, em alguns de meus textos, esses nomes. O que a desconstrução não é? É tudo! O que é a desconstrução? É nada! (DERRIDA, 1998, p.24)

Portanto, "desconstrução" é leitura, é interpretação, é tradução. Em cada nova leitura, o indivíduo "desconstrói" o texto com o qual se depara, formulando uma interpretação com base em sua própria experiência cultural e social, para que possa, a partir de sua visão de mundo aplicada nos escritos de um autor qualquer, "construir" um novo texto.

O projeto de desconstrução de Derrida valoriza, então, a posição do sujeito/leitor/tradutor ao reconhecer sua interferência em qualquer texto: a desconstrução do sentido clássico de literalidade, de um significado depositado na palavra, imune à interpretação de um sujeito; a desconstrução do sujeito no que se refere à ilusão de sua presença eterna no texto produzido; e o questionamento da construção de signo de Saussure ao mostrar que a concepção de significado inaugural/primordial, existente mesmo antes da própria linguagem, não passa de ilusão, pois em cada novo ato de linguagem, todo significado não é senão mais um significante. Entretanto, para tornar possível a própria comunicação/expressão humana através da linguagem, a ilusão do significado atingido, da construção do signo tem de ocorrer (cf. LIMA & SISCAR, 2000).

No Brasil, de acordo com Sá (1996), uma tipologia "antropofágica" da tradução foi pensada por Mário de Andrade: traduzir se afirma como uma tentativa de absorção da multiplicidade cultural. Sá indica que as noções de antropofagia, deglutição e "intradução" estão presentes também na topologia de Haroldo de Campos, que vê a tradução como a "transluciferação", pois não traduz partindo de um original, o transformando na tradução de sua tradução. Tais concepções se aproximam da desconstrução. Haroldo de Campos (1992) ainda observa que a tradução literária é, ao mesmo tempo, um exercício de natureza crítica e criativa. Segundo Alves-Bezerra (2009, p. 71), Campos define o tradutor

como aquele que tem a possibilidade de recriar o original através das potencialidades da língua de chegada, aquele que tem a obrigação de traduzir um bom poema com outro bom poema; essa possibilidade, mais do que uma liberalidade, uma alforria, cria no tradutor uma responsabilidade que é também criativa, pois a escolha nunca será aleatória e deverá ser sustentável, pois há que haver uma relação de reciprocidade entre original e tradução.

Assim, ao invés de vista com desconfiança, a tradução pode ser considerada um ponto de partida para o aprofundamento das reflexões acerca de questões da linguagem, pois o tradutor não deve descartar o humano, o contextual e o histórico durante a produção de seu trabalho.

Então, conclui-se que traduzir é um ato individual que, obviamente, sofre influências de seu tradutor e do meio em que o mesmo formou sua maneira de ver o mundo e de interpretar o pensamento de outras pessoas. Quem traduz não é um mero coadjuvante, mas um leitor, alguém que interpreta um texto de partida, imprimindo um pouco das suas perspectivas, para montar um texto de chegada, refletindo o tempo todo sobre a língua de cada um dos textos.

Para que tais questões pudessem ser trabalhadas de forma prática, como já mencionado anteriormente, a atividade de extensão apresentada neste trabalho foi oferecida a professores da rede pública de ensino, a estudantes de Letras e demais interessados. A modalidade a distância foi escolhida para essa aplicação pois, segundo Prado e Almeida (2009, p. 66): "Tratando-se especificamente da formação continuada, é bastante oportuno ressaltar a importância da EaD, considerando que o paradigma da sociedade do conhecimento e da tecnologia demanda das pessoas uma nova postura

acerca do processo de aprendizagem”. Também segundo Alonso e Alegretti (2003, p. 165):

Talvez a principal característica dessa modalidade de ensino seja a flexibilidade, favorecendo especialmente o aprendiz, que tem liberdade para escolher o tempo e o espaço que mais lhe convém para estudar, bem como a escolha de materiais de aprendizagem além daqueles que lhe são disponibilizados. Em suma, rompe-se a rigidez e a formalidade presentes na escolaridade regular, permitindo-se ao aluno definir a amplitude do seu conhecimento.

Acreditamos, portanto, que a EaD, além de abrir espaço para uma maior participação do público-alvo, que poderá adaptar seus horários de trabalho e de lazer aos estudos virtuais e não precisará preocupar-se com o tempo e os custos do trajeto até um possível local para aulas presenciais, e de proporcionar o trabalho com as novas tecnologias que esse educador deverá também utilizar em suas aulas, faz com que os professores, a partir da troca de experiências, possam tornar-se mais reflexivos sobre sua atuação. Machado (2009, p. 125) endossa esse ponto de vista ao escrever que “(...) com o uso das tecnologias, opera-se a troca de saberes entre as estudantes (e tutores), além de serem incentivadas à construção autônoma (mas não individualizada) do conhecimento e à análise das atividades desenvolvidas no local de trabalho”.

A proposta de reflexão constante é de extrema valia para que o ensinar e o aprender não sejam mecânicos, mas adaptados ao contexto, à realidade e aos interesses dos envolvidos no processo. É isso que Prabhu (1990), que inseriu o método comunicativo na Índia a partir de tarefas, chama de “senso de plausibilidade”. Alguns professores aplicam métodos sem considerar o contexto de trabalho, importando teorias sem avaliação, agindo mecanicamente. Não há, segundo ele, o melhor método, sendo todos “parcialmente verdadeiros ou válidos” (PRABHU, 1990, p. 161, tradução nossa), cabendo ao professor fazer a melhor escolha de acordo com as variáveis (recursos, tempo, número de alunos, etc.) do contexto em que atua. O autor reforça a ideia de que é necessário refletir o tempo todo sobre a prática, pois afirma que o senso de plausibilidade de um professor deve manter certa fluidez e ser aberto a mudanças, e não fixo, visto que a melhor maneira de agir muda de sala para sala, de aluno para aluno.

Viana (2007, p. 235) também trata de questões relativas à reflexão sobre a prática, sugerindo que os professores trabalhem sempre “abordando questões (...) oriundas da prática em sala de aula, visando/gerando melhoria no processo de ensino/aprendizagem e emancipação profissional, decorrentes de uma prática educacional crítico-reflexiva e investigativa contínua”.

Alvarenga (2009, p. 111), da mesma forma, destaca a importância da reflexão, da “conscientização do professor acerca da sua prática”. Segundo a autora, a formação teórica dos docentes deve aproximar-se das questões práticas de forma a possibilitar a auto-análise crítica. “Saber de nossas limitações, incoerências e possibilidades enquanto professor é um grande passo e é o que permite novos direcionamentos rumo a mudanças e possíveis explicações acerca daquilo que fazemos. É tornar possível sair de onde se tem estado” (ALVARENGA, 2009, p. 124).

Por fim, é interessante comentar que a reflexão sobre a atuação e o senso de plausibilidade relacionam-se com características da abordagem comunicativa de ensino de línguas, pois tal abordagem, segundo Almeida Filho (1993, 2009), busca a relevância do conteúdo trabalhado em um curso para que o aluno reconheça ali experiências válidas para a sua realidade. Aprender uma língua não corresponde a apenas reproduzir a gramática corretamente, mas à busca pelo estabelecimento de um diálogo, pela interação social e cultural, que envolve tentativa e erro e que não deve ser realizada em uma atmosfera tensa para que seja natural. Há, portanto, também a preocupação com o filtro afetivo, para que o aluno sintam-se motivado e com baixo nível de ansiedade para que seu aprendizado não seja prejudicado e marcado por traumas.

### 3. Procedimentos metodológicos e possíveis análises de dados

Foram oferecidas 25 vagas gratuitas para professores de inglês e/ou português do Ensino Fundamental e Médio da rede pública e a estudantes do curso de Letras, além de demais interessados em tal temática. As atividades, divididas em oito módulos, foram desenvolvidas a distância via Plataforma *Moodle* de abril a junho de 2012, com a carga-horária total de 32 horas (dedicação de aproximadamente 4 horas semanais).

O curso contou basicamente com leituras teóricas, questionários, discussões em fórum (cf. Figura 1), entradas em diário e atividades práticas de tradução literária. Houve uma atividade avaliativa e a frequência necessária para aprovação (mínimo de 75% de participação) foi calculada de acordo com o número de atividades das quais o cursista participou.

**Olá, cursistas!**

Nessa quinta atividade do nosso curso, **vocês ouvirão versões musicadas do poema "Traduzir-se", de Ferreira Gullar** (1930 -). Postamos os *links* para duas interpretações: Fagner & Chico Buarque cantam juntos em uma, Adriana Calcanhotto é a intérprete da outra. Escolham a sua preferida e aproveitem:

Chico Buarque & Fagner: <http://www.youtube.com/watch?v=N5KjaLa9pLE>

Adriana Calcanhotto: <http://www.youtube.com/watch?v=IPZsNQZMC9c&feature=related>



Vejam, agora, o poema:

<http://pensador.uol.com.br/frase/MzI5MTc/>



Nesse fórum, refletiremos sobre essa poema aplicado ao papel do tradutor. Após a leitura do texto de Paz e o exercício tradutório da Unidade 2, você acha que os versos de Ferreira Gullar dialogam com o ato tradutório? Explique sua resposta e, se achar interessante, comente as postagens dos colegas.

**Bom trabalho a todos!**

Figura 1. Instruções para Atividade 5 – Exemplo de fórum de discussão (Módulo 3).



Os cursistas foram acompanhados pela professora/tutora que elaborou o curso. Dos 23 participantes que se inscreveram, 20 iniciaram participação efetiva nas atividades e 16 conseguiram frequência para aprovação.

Os assuntos tratados foram distribuídos da seguinte maneira:

Módulo Introdutório (1 semana) – *First steps*

Módulo 1 (1 semana) – *Getting to know each other & First thoughts about translation*

Módulo 2 (1 semana) – *On translation and the role of the translator*

Módulo 3 (1 semana) – *Translator as an author*

Módulo 4 (1 semana) - *Workshop 1: Songs*

Módulo 5 (1 semana) - *Workshop 2: Poems*

Módulo 6 (1 semana) - *Workshop 3: Narratives I*

Módulo 7 (1 semana) – *Workshop 4: Narratives II*

Módulo 8 (1 semana) – *Final comments*

Uma das últimas atividades propostas (Atividade 18, cf. Figura 2) consistia em uma entrada em diário onde o cursista deveria compartilhar com a docente suas impressões sobre os seguintes aspectos:

- 1) Duração do curso;
- 2) Carga de atividades (carga-horária semanal);
- 3) Leituras teóricas;
- 4) Tarefas práticas;
- 5) Organização do curso e do ambiente virtual de aprendizagem (AVA);
- 6) Atuação da Professora;
- 7) Impressões gerais sobre o curso.

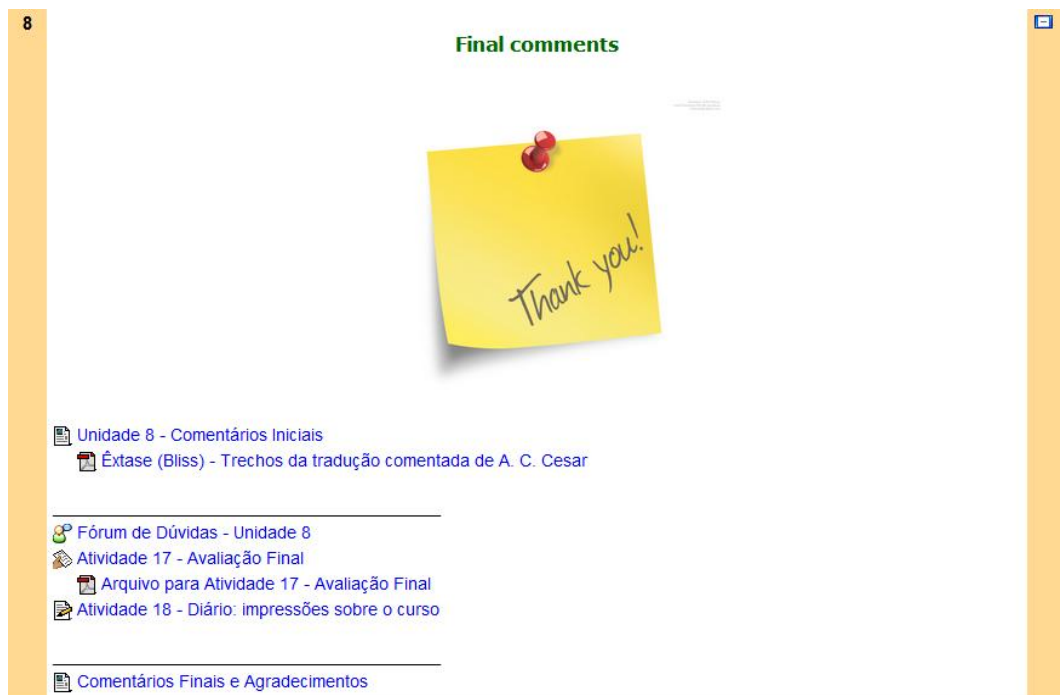


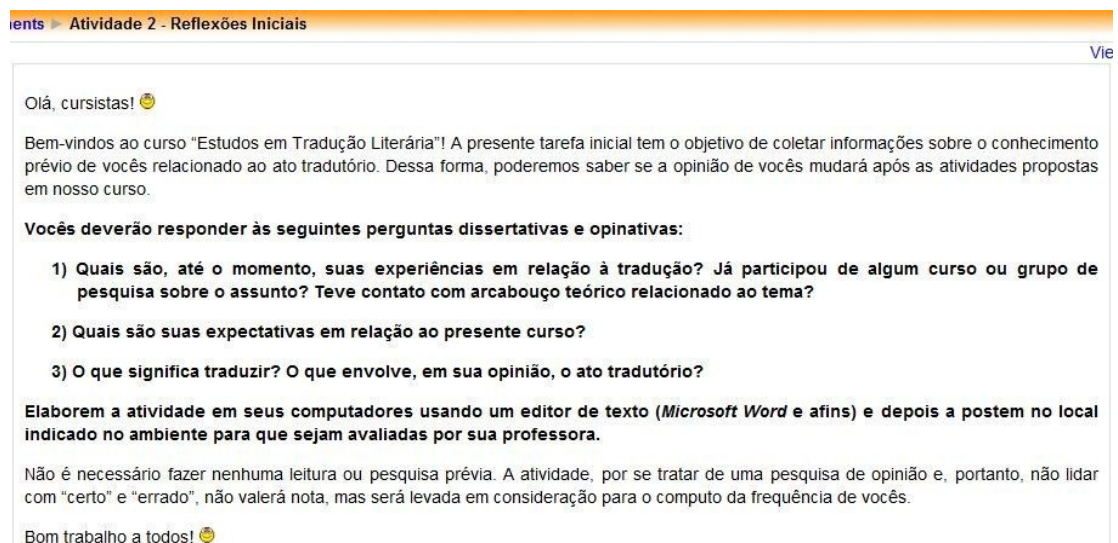
Figura 2. Página principal do último módulo do curso.

Em uma primeira análise, os comentários mostram que os cursistas ficaram satisfeitos em o ambiente de aprendizagem em geral, com a dinâmica das atividades, com a duração do curso e com a atuação da professora/tutora. Muitos afirmaram que o fato do curso ter sido ministrado unicamente a distância os motivou a participar e a finalizar as atividades, visto que poderiam organizar-se de acordo com suas atividades profissionais e particulares.

Tal curso servirá também como fonte de dados para pesquisa de doutorado elaborada pela docente responsável pelo curso. Para isso, os alunos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido no momento da inscrição. A análise dos dados será feita a partir de comentários e observações feitos pela pesquisadora e pelos alunos-tradutores acerca do processo tradutório desenvolvido por cada um dos grupos. Nesse sentido, a pesquisa se insere no grupo de trabalhos qualitativos de cunho etnográfico e interpretativo, com o emprego de alguns recursos metodológicos quantitativos.

Larsen-Freeman e Long (1991) trabalham com a questão do uso de metodologias qualitativas ou quantitativas. Segundo mencionam os autores, enxerga-se a metodologia qualitativa, mais condizente com a realidade pós-moderna e, exatamente por isso, ganhando cada vez mais espaço, como “formuladora” de hipóteses. Já o estudo quantitativo seria uma forma de testar, a partir de instrumentos objetivos e análises estatísticas, uma hipótese pré-levantada. Os autores também colocam métodos de pesquisa mais ou menos relacionados a cada metodologia.

O primeiro item e o mais qualitativo deles seria a introspecção. Nesse caso, com a ajuda dos pesquisadores, os aprendizes devem fazer uma autoanálise de seus comportamentos no ensino e aprendizagem de línguas. A presente pesquisa poderá utilizar-se desse método a partir de questionários abertos (adaptados ao público-alvo, cf. Figura 3) aplicados antes e depois das atividades de tradução, para que seja possível contrastar as crenças e percepções trazidas ou construídas previamente pelos alunos antes e depois das atividades de tradução para sabermos se essas se modificaram ou não.



Atividade 2 - Reflexões Iniciais

Olá, cursistas! 😊

Bem-vindos ao curso "Estudos em Tradução Literária"! A presente tarefa inicial tem o objetivo de coletar informações sobre o conhecimento prévio de vocês relacionado ao ato tradutório. Dessa forma, poderemos saber se a opinião de vocês mudará após as atividades propostas em nosso curso.

**Vocês deverão responder às seguintes perguntas dissertativas e opinativas:**

- 1) Quais são, até o momento, suas experiências em relação à tradução? Já participou de algum curso ou grupo de pesquisa sobre o assunto? Teve contato com arcabouço teórico relacionado ao tema?
- 2) Quais são suas expectativas em relação ao presente curso?
- 3) O que significa traduzir? O que envolve, em sua opinião, o ato tradutório?

Elaborem a atividade em seus computadores usando um editor de texto (*Microsoft Word* e afins) e depois a postem no local indicado no ambiente para que sejam avaliadas por sua professora.

Não é necessário fazer nenhuma leitura ou pesquisa prévia. A atividade, por se tratar de uma pesquisa de opinião e, portanto, não lidar com "certo" e "errado", não valerá nota, mas será levada em consideração para o compute da frequência de vocês.

Bom trabalho a todos! 😊

Figura 3. Instruções para Atividade 2 – Reflexões Iniciais (Módulo 1).

Outro método apresentado por Larsen-Freeman e Long (1991) que ainda está bastante relacionado à metodologia qualitativa é a observação participante. Como o nome diz, os pesquisadores participam das atividades que estão estudando, fazendo anotações imediatamente posteriores sem uma hipótese específica em mente. A pesquisadora participou tanto do planejamento quanto da aplicação das atividades de tradução como tentativa de garantir que aspectos importantes da atividade não fossem perdidos em suas anotações posteriores.

#### 4. Considerações Finais

*Um aspecto importante da formação contextualizada, desenvolvida em curso on-line, ou seja, na modalidade a distância, é que por meio das interações que se estabelecem entre o professor e os educadores-alunos e vice-versa, no ambiente virtual, ocorrem trocas de experiências, favorecendo o desenvolvimento do **aprender fazendo** na interlocução com o outro, voltado para a busca de novas possibilidades de atuação na realidade da escola. (PRADO & ALMEIDA, 2009, p.72-73).*

*A história que vivemos é uma escritura (...). Esta leitura é uma decifração, a tradução de uma tradução: jamais leremos o original. Toda versão é provisória: o texto muda sem cessar (embora talvez sempre diga o mesmo) (...). Toda tradução é uma criação, um texto novo... (PAZ, 1976, p. 241).*

A partir da leitura do material teórico sobre tradução e dos exercícios propostos, buscou-se levar os cursistas a conhecer mais a fundo as dificuldades e a importância da reflexão sobre questões culturais e sobre as escolhas do tradutor, fazendo do ato tradutório também um trabalho de teor artístico e literário, uma transcrição. Traduzir é uma atividade que tem como base a produção de significados. Por isso o tradutor, antes considerado apenas um intermediário no ato tradutório, desempenhando papel secundário, passa a ser visto como um segundo autor, alguém que interpreta o texto "original" e nele, mesmo que inconscientemente, imprime suas perspectivas, sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Uma boa tradução é também uma boa interpretação, uma boa leitura. E para que se torne um bom leitor, é pertinente a qualquer pessoa, seja ela uma aspirante ao trabalho tradutório ou não, que conheça a cultura em que está inserido e também a cultura na qual se desenvolveu o autor lido. É importante também se instruir sobre a biografia e a bibliografia do autor com que se depara para que se tenha uma ideia de seu contexto ideológico, histórico e social (contexto que não pode ser totalmente recuperado).

Os exercícios práticos e os comentários dos cursistas servem exatamente como uma descrição do processo que muitas vezes se estabelece apenas nos bastidores da tradução literária, despercebido ao leitor padrão. Mesmo que "invisível" (e talvez por isso, segundo o que se comenta, pouco valorizado e mal remunerado) em uma leitura

desavisada, é um trabalho que envolve pesquisa, investigação minuciosa, dúvidas, conflitos internos, desafios, interpretações, leituras e mais leituras.

O texto produzido é, portanto, uma nova obra literária que carrega muito de seu tradutor consigo, muito de sua visão sobre o autor do texto original, seu entendimento de literatura em geral, seu conhecimento sobre os mecanismos da língua estrangeira e da sua língua materna, sua análise dos contextos culturais, sociais e históricos.

Os comentários dos cursistas demonstraram, portanto, que a presente atividade de extensão a distância, além de ter cumprido seus objetivos didáticos e proporcionado espaço para interação e reflexão, também ofereceu uma oportunidade real de formação continuada a professores da rede pública, visto que as atividades virtuais se caracterizam pela flexibilidade de horários ideal para quem precisa dividir-se entre vida pessoal/familiar, trabalho e estudos. Portanto, este curso é mais um exemplo de como a EaD contribui para a universalização/democratização do conhecimento na educação brasileira.

## 5. Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Alguns significados do ensino comunicativo de línguas**. Campinas: UNICAMP/Mimeo, 1991.

\_\_\_\_\_. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes Editores, 1993.

\_\_\_\_\_. Língua além de cultura ou além de cultura, língua? Aspectos do ensino da interculturalidade. In: CUNHA, M. J. C.; SANTOS, P. (orgs.). **Tópicos em Português Língua Estrangeira**. Brasília: Editora UnB, 2002.

\_\_\_\_\_. **Linguística Aplicada – ensino de línguas e comunicação**. Campinas: Pontes Editores, 2009.

ALONSO, M.; ALEGRETTI, S. M. de M. Introduzindo a pesquisa na formação de professores a distância. In: VALENTE, J. A.; PRADO, M. E. B. B.; ALMEIDA, M. E. B. de. Educação a distância via Internet. São Paulo: Avercamp, 2003, p. 163-174.

ALVARENGA, M. B. Configuração da abordagem de ensinar de um professor com reconhecido nível teórico em Linguística Aplicada. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P (Org.). **O Professor de Língua Estrangeira em Formação**. Campinas: Pontes Editores, 2009.

ALVES-BEZERRA, W. Da tradução como criação e como crítica: rumo à caracterização de um Quiroga brasileiro. In: **Olhar**. Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. Ano 11. Número 20 (Jan-Jul/2009). São Carlos: UFSCar, 2009.

ARROJO, R. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago Editorial, 1993.

BARBOSA, L. M. de A. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**, no. 10-11, p. 31-41, 2008/2009.

BYRAM, M.; GRIBKOVA, B.; STARKEY, H. **Developing the Intercultural Dimension in Language Teaching**: a practical introduction for teachers. Disponível em: [http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/source/guide\\_dimintercult\\_en.pdf](http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/source/guide_dimintercult_en.pdf). Acesso em: 07 junho 2011.

CAMPOS, H. de. Da tradução como criação e como crítica. In: \_\_\_\_\_. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

DERRIDA, J. Carta a um amigo japonês. In: OTTONI, P. (org.). **Tradução, a prática da diferença**. Campinas: Editora da UNICAMP, FAPESP, 1998.

HURST, N. R. Ways and means of evaluating cultural content in coursebooks. In: BIZARRO, R. (org.). **A escola e a diversidade cultural**: multiculturalismo, interculturalismo e educação. Porto: Areal Editores, 2006.

LARSEN-FREEMAN, D. & LONG, M. H. Second language acquisition research methodology. In: \_\_\_\_\_. **An introduction to second language acquisition research**. London, New York: Longman, 1991.

LIMA, E.; SISCAR, M. O decálogo da desconstrução: tradução e desconstrução na obra de Jacques Derrida. In: **Alfa**. Revista de Lingüística. São Paulo: UNESP, 2000, v.44 (n.esp.), p.99-112.

MACHADO, E. Formação de professores e educação a distância: um debate sobre a prática reflexiva no contexto de emancipação. In: VALENTE, J. A.; BUSTAMANTE, S. B. V. (orgs.). **Educação a distância – prática e formação do profissional reflexivo**. São Paulo: Avercamp, 2009, p. 109-127.

OTTONI, P. O papel da lingüística e a relação teoria e prática no ensino da tradução. In: **TradTerm**, 4.1 (v.4, n.1). São Paulo: Humanitas, 1997, pp.125-139.

PAZ, O. **O labirinto da solidão e post-scriptum**. Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_. **Traducción**: Literatura y Literalidad. Barcelona, España: Tusquets Editores, 1990.

RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PRABHU, N. S. There is no Best Method – Why? In: **TESOL Quarterly**, Vol. 24, No. 2 (Summer, 1990), p. 161-176.

PRADO, M. E. B. B.; ALMEIDA, M. E. B. de. Formação de educadores: fundamentos reflexivos para o contexto da educação a distância. In: VALENTE, J. A.; BUSTAMANTE, S. B. V. (orgs.). **Educação a distância – prática e formação do profissional reflexivo**. São Paulo: Avercamp, 2009, p. 65-82.

SÁ, L. F. F. Por uma topologia da tradução ou por re-constelações tipológicas. In: **Cadernos de tradução**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Núcleo de Tradução - n.º 4 (1999), Florianópolis, 1996, p. 58-85.

VIANA, N. Pesquisa-ação e ensino/aprendizagem de língua estrangeira: das implicações educacionais e sócio-políticas ao percurso metodológico de investigação. In: ALVAREZ, M.



---

L. O.; SILVA, K. A. da (Orgs.). **Linguística Aplicada** – Múltiplos Olhares. Campinas: Pontes Editores, 2007.